



Fronteiras “femeogógicas”: Agenciamentos produtores da condição feminina

Juliana Farias Santos¹

Dinamara Garcia Feldens²

Débora dos Reis Silva Backes³

Resumo: Abordar assuntos relacionados a gênero pode envolver uma infinidade de perspectivas. Neste artigo buscamos pensar o gênero enquanto uma perspectiva de construção social, histórica e cultural. Os discursos que validam essa perspectiva foram inscritos nas sociedades ocidentais, atendendo a um projeto de subordinação das mulheres por parte dos homens. A partir de uma revisão bibliográfica com autoras como Simone de Beauvoir (2019 ab), Gerda Lerner (2019), Betty Friedan (1971), Silvia Federici (2017) traremos as pautas sobre o corpo e as aprendizagens do dever ser mulher, ilustradas pelas artista Rocyo Montoya no portfólio Perda de Identidade.

Palavras- chave: Gênero, Mulher, Aprendizagem, Dever ser.

Abstract: Addressing issues related to gender can involve a multitude of perspectives. In this article we seek to think about gender as a perspective of social, historical and cultural construction. The speeches that validate this perspective were inscribed in Western societies, serving a project of subordination of women by men. Based on a bibliographical review with authors such as Simone de Beauvoir (2019 ab), Gerda Lerner (2019), Betty Friedan (1971), Silvia Federici (2017), we will bring the guidelines on the body and the learning of being a woman, illustrated by the artist Rocyo Montoya in the Loss of Identity portfolio.

Keywords: Gender, Woman, Learning, Should be.

(Re) pensando Gênero

A autora Ana Maria Colling (2014) nos diz que para uma história das mulheres, é necessário que a história geral seja percebida enquanto resultado de interpretações e de representações, cultivadas por relações de poder. Tais representações a respeito das

¹ Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGED), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: juliana22fsantos1@gmail.com

² Doutora e Mestra em Educação, Professora e Pesquisadora na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGED/UFS). Email: dinag.feldens@gmail.com

³ Mestra e Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGED), Universidade Federal de Sergipe (UFS). Email: debsilvabac@gmail.com

mulheres atravessaram os tempos fundamentando o pensamento simbólico da diferença entre os sexos. A mãe, a esposa amorosa solícita, a “rainha do lar” e sustentáculo da família, ou seja, a imagem da santa, opondo-se à Eva, representação da sedução, volúpia, desobediência e pecado. Um processo que construiu discursos sobre o que deve ser valorizado no masculino e no feminino.

Não podemos deixar de considerar que apesar dos avanços, alguns discursos ainda permeiam em dias atuais. Chamamos de fronteiras “femeogógicas” as aprendizagens que atravessam e produzem a vida da mulher. Reforçados e restaurados em outras configurações, os discursos que insistem em se perpetuar foram construídos, podendo, talvez, ser destruídos na mesma ou com mais intensidade.

Quando o homem começou simbolicamente a ordenar o universo e a relação dos seres humanos com Deus em importantes sistemas explicativos, a subordinação das mulheres já era tão bem-aceita que parecia “natural” tanto para homens quanto para mulheres. Como resultado dessa evolução histórica, os símbolos e metáforas mais importantes da civilização ocidental incorporaram a hipótese da subordinação e inferioridade das mulheres (Lerner, 2019, p. 288-289).

Em um dos seus artigos mais relevantes, publicado em 1995, intitulado “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, a autora Joan Scott realiza uma abordagem utilizando o termo “gênero” e suas diferentes utilidades nos discursos ao longo da história, nos termos gramaticais ou nas lutas feministas, por exemplo. A autora aponta que no fim do século XX, começou a surgir uma preocupação teórica com o termo gênero enquanto uma categoria de análise. Aponta ainda que o termo foi utilizado pelas feministas deste período para “reivindicar um certo terreno de definição” (Scott, 1995, p. 86). Sublinhando que as teorias feministas existentes poderiam ser incapazes de explicar a persistência das desigualdades entre homens e mulheres.

Uma das proposições da autora tenta pautar-se no gênero como sendo uma forma inicial de dar significado às relações de poder, o gênero enquanto campo no qual o poder é articulado, seja no seu interior, ou por meio deste (Scott, 1995). Assim, tentaremos fazer uso dessas contribuições para pensar o gênero enquanto um campo que pode fazer emergir relações de poder, seja este através, no meio (interior) ou por meio dele.

A autora Gerda Lerner (2019), em *A criação do patriarcado: A subordinação das mulheres pelos homens*, sugere que seria interessante observar o modo como a desigualdade entre homens e mulheres foi sendo construída não só na linguagem, no pensamento e na filosofia da civilização ocidental, também na maneira como o próprio gênero foi se tornando um definidor das relações de poder, a fim de mistificá-las e torná-las invisíveis.

Podendo tomar consciência cada vez mais dessa invisibilização, os estudos sobre gênero avançam, tentando trazer questões que permitam discutir as diferentes pautas sobre as demandas de gênero, além do binarismo. Cabe ressaltar que a configuração binária (homem-mulher) não é uma ideia recente, o gênero discutido sob esta perspectiva foi uma categoria fundamental sobre a qual as categorias sociais foram sendo erguidas, a exemplo dos papéis sociais construídos e atribuídos ao homem sendo superiores aos papéis atribuídos à mulher, tornando-a sua subordinada.

Lerner (2019) aponta que esse constructo metafórico, o da “mulher inferior e incompleta”, incorporou-se aos principais sistemas explicativos, de forma a competir com a realidade. Foram incorporados papéis, atribuições, modelos, projetos, modos de ser e de estar, extremamente definidos, cuidadosamente elaborados, fortemente legitimados e incansavelmente difundidos.

Federici (2017) explica a ideia de que o gênero, socialmente construído, foi uma compreensão importante. Alega que essa descoberta foi considerada radical em uma cultura em que a diferença de gênero pode ter sido articulada como natural e, biologicamente determinada. “O gênero como construção social tornou-se o pilar de muitos discursos feministas” (Federici, 2017, p. 54).

Enquanto construção social, o gênero pode ser também um fenômeno histórico e cultural. Federici (2017) aborda que na medida em que o gênero foi sendo construído, novas biologias da diferença foram sendo inventadas. “Quando as interpretações biológicas são consideradas convincentes, as categorias sociais extraem sua legitimidade e poder da biologia. Em suma, o social e o biológico se retroalimentam” (Federici, 2017, p. 55). Essas retroalimentações podem ocorrer na medida em que as discussões sobre o tema avançam, trazendo novas possibilidades para pensar no mesmo.

Os discursos que legitimam a perspectiva biológica foram se efetivando no patriarcado enquanto organização social na história ocidental. Para Federici (2017) a diferenciação entre corpos masculinos e femininos, diferença enraizada no visual, não pode ser reduzida à biologia e deve ser entendida como sendo constituída dentro de realidades históricas e sociais particulares. Entendendo tal diferenciação, pontua-se a importância de se compreender o gênero enquanto construção social, que muda conforme a cultura e os tempos históricos.

Uma das tentativas para desmistificar as categorias de gênero, seria a de problematizar a noção que existe um imperativo biológico em funcionamento, percebendo o gênero como categoria mutável, que varia conforme a cultura no qual se insere, este seria, portanto, transformável. Federici (2017) ainda destaca que o ponto mais importante seria o grau em que a própria biologia é socialmente construída e, portanto, inseparável do social.

Para a sociedade organizada de modo patriarcal, a construção simbólica dos discursos representou um ingrediente essencial na ordem e na estrutura da civilização, enfatizando que esta construção foi planejada e alicerçada para o desenvolvimento do homem, a mesma importância não foi dada ao desenvolvimento da mulher.

Os saberes das e sobre mulheres foram silenciados, ou partiram das narrativas de homens. Nessa medida, são histórias fruto de apagamentos. Registradas e instituídas por homens em sua maioria brancos, heterossexuais, machistas, pautados em um projeto patriarcal de dominação.

Ao analisar a história sob uma perspectiva de gênero, é possível questionar a parcialidade dos modelos existentes, produzindo uma centralidade de análises hegemônicas, tornando visível o androcentrismo do discurso científico, artístico, estético, e político global da história.

O espaço acadêmico, conquistado não sem resistência, é uma ruptura que as mulheres utilizam como possibilidade de escrever suas histórias, mesmo que muito recentemente. Pensar e fazer refletir sobre o que se vivenciava no lar, no movimento materno, no ambiente acadêmico, nos espaços não privados são caminhos que estamos

escrevendo, na intenção de combater a misoginia e o sexismo nestes campos, buscando trazer uma gama de assuntos que não interessavam ao patriarcado, nem ao capitalismo.

Adentrando ao tema do patriarcado, a autora Gerda Lerner (2019) traz uma extensa pesquisa histórica a respeito da criação do patriarcado. Não que exista um marco zero, um momento único que fez emergir esse projeto patriarcal. Lerner (2019) ao longo de suas pesquisas, vai apontando o apagamento da mulher na história, dando lugar ao discurso do que era de interesse masculino nas sociedades ocidentais. E traz ainda como esses discursos se proliferaram de tal forma, apoiados e legitimados por discursos outros (biológico, médico, religioso, jurista) que se reproduzem até nossos dias.

A autora defende que o ponto de partida para a dominação de outros povos, começou primeiro com a dominação da mulher enquanto posse (filha, esposa, concubina, prostituta, escrava). A aposta da Lerner é que se o patriarcado, enquanto construção social histórica teve um início, ele pode também ter um fim, e acrescenta: “Nós, que estamos empenhadas nessa iniciativa de redefinição, enfrentamos o triplo desafio se definir de forma correta, desconstruir a teoria existente e construir um novo paradigma” (Lerner, 2019, p. 313).

A definição de uma “forma correta” abre espaços para questionamentos: haveria uma forma correta para definirmos os modelos impostos? Que forma seria essa? Seria ela única? Como estamos falando sobre mulheres e as múltiplas facetas que as compõem, haver uma forma única de redefinir tais modelos seria um tanto equivocado. A desconstrução das teorias existentes (plural, existem várias) e construir novos paradigmas são pontos que nos lançam em direções outras, diversas, que nos permitem alcançar novas formas de existir enquanto mulheres.

Corpo Mulher/ Condição Feminina



Ilustração 1: Corpos?

“A mulher acha-se, em terra, cercada de tabus como todos os seres sagrados; ela própria é tabu” (Beauvoir, 2019a, p. 105). Os discursos que circulam em torno e através dos corpos femininos produzem efeitos sobre os mesmos. Tudo o que se pensa, se sabe, se projeta, se organiza, se arquiteta para e com os corpos femininos foram resultados dos efeitos de poder que tais discursos produziram.

Quais seriam os poderes e perigos que os corpos femininos poderiam apresentar? A quem interessa fazer circular os discursos sobre estes corpos? Quem controla, seleciona, organiza e redistribui tais discursos? Quais materialidades temíveis existem nestes corpos? Partindo dos pensamentos, eles são criados dentro de uma discursividade, é desse modo que o poder se mostra, agindo sobre os corpos, produzindo essências, naturalizando-os, conhecendo-os e controlando-os para melhor dominar.

Os discursos que produzem diferenças e hierarquias instauram-se nos corpos que consagram e assumem as diferenças e hierarquias produzidas. Tais discursos partem da

narrativa ocidental centrada no binarismo masculino e feminino. A autora Silvia Federici (2017) aponta que essa narrativa trata da elaboração inabalável do corpo como o local e a causa de diferenças e hierarquias na sociedade.

O corpo feminino é posto em debate abordando a temática de forma crítica, trazendo à tona desde os silenciamentos a respeito deste corpo, até as manifestações de resistência que são produzidas com o mesmo. O corpo que “precisa deter o desejo”, é um dos apontamentos da autora Simone de Beauvoir. Em seu livro *O segundo sexo: fatos e mitos* (2019a, p. 220), a autora aborda que “exige-se que o corpo feminino ofereça as qualidades inertes e passivas de um objeto, porquanto a mulher se destina a ser possuída”.

Como não falar do corpo em que se habita? Que corpo é esse? O que tem nele de tão potente ou de tão tirano que não devemos falar sobre? Inquietações estas vêm de maneira a nos desestruturar (ou não), no sentido de desfazermos nossas estruturas (prisões), recriando possibilidades de falarmos de corpos de seres humanos, não mais estruturados em lógicas ou trabalhados e talhados em imposições de papéis sociais.

A cultura produz corpos e modelos que variam conforme os locais que emergem. Os discursos sobre o corpo feminino gordo, por exemplo, pode ser apreciado ou não, conforme a cultura e a sociedade no qual o mesmo se apresenta. Para alguns maridos de sociedades orientais, exemplificando, possuir uma mulher gorda representa fartura, fortuna. Para outros, em outras sociedades, possuir uma mulher enquanto esposa, sendo esta super magra, apertadas por vestidos e sapatos incômodos, talhadas em ritos de boa educação (a educação para ser boa esposa), é sinônimo de casamento feliz (ou homem feliz e corpo ideal). “Corpo jovem, aparentemente bonito, consideravelmente feliz, é então que esse corpo se apresenta ao homem como sua coisa” (Beauvoir, 2019a, p. 222). Note que os discursos são sempre em torno do “possuir a mulher”.

Discursos sobre a mulher enferma, velha e/ou feia causa horror, considerada como objeto sem encantos, além de suscitar ódio e medo. Beauvoir (2019a) aponta que são nessas mulheres que os homens veem a figura inquietante da mãe, quando os encantos da esposa jovem, bonita e saudável se esvaem.

Michelle Perrot (2003) traz uma discussão sobre “Os silêncios do corpo da mulher”, colocando que o silêncio instaurado neste corpo representa o pudor que é (foi) uma marca do discurso sobre a feminilidade. A autora aborda sobre o corpo privado (oculto) e o corpo público (exibição, apropriado à mostrar-se). O corpo consumido pelos mercados da beleza (moda, bem-estar, saúde), pelos palcos (teatros, novelas, telas), estes corpos se colocam, no que a autora chama de corpo público. Do outro lado da mesma moeda, encontram-se as partes escondidas do corpo (pernas, tornozelos, cintura, ombros), vistas como partes eróticas e portanto devem ser ocultadas, cobertas, escondidas, para assim, as mulheres serem mais convenientes e discretas.

As inconveniências e indiscrições partem justamente deste ponto: mostrar algo que te compõe pode gerar tal inconveniência ou indiscrição? O que foi dito sobre o que pode um corpo feminino foi se tornando tão forte que escapa a nossa imaginação, por exemplo, presenciar uma mulher andando com os peitos à mostra (sim, sem blusa e sem sutiã) e não questionarmos: o que há de errado com ela? Como se tivesse algo errado. Dificilmente estranhamos ao ver um homem nesta mesma situação, apoiamos até, justificando que “o calor está demais”.

Grito de despertar, de movimentar, de sacudir e derrubar as estruturas que tanto zelam e reforçam para que se fique quieta e calada, enquanto fazem e acontecem com o corpo que só quer existir. Este “só” refere-se a ter o direito de existir como é, seja ele (in) conveniente, (in) discreto, (in) decente, existir.

Fazendo pequenas rachaduras nas estruturas constituídas, vamos refletindo sobre o que mais foi sendo imposto em forma de discursos quando fazemos referência ao corpo feminino. Olhares, gestos e até mesmo emoções precisam ser moderadas para atenderem às circunstâncias que o dever ser mulher exige. “A mulher decente não deve erguer a voz” (Perrot, 2003, p. 15), pensando a partir desta frase as noções de “decência” e do “não dever”, decência seria neste viés os padrões éticos e morais que são estabelecidos em uma sociedade, e o não dever vem atrelado de imposições, impedimentos, no sentido de controlar o que se pode, trazendo à tona exatamente aquilo que não pode.

Falando em não poder, discursos sobre a vida íntima da mulher (menstruação, masturbação, libido, menopausa) também permanecem ocultos. Simone de Beauvoir (2019a) nos traz a questão da masturbação que é considerada um perigo e um pecado. E acrescenta que “é a intervenção da sociedade, e principalmente dos pais, que faz do prazer solitário (de homens e mulheres) um vício” (Beauvoir, 2019a, p. 225).

Rodeada de sentimentos como medo e vergonha, falar sobre temas relacionados a este corpo feminino ainda encontra-se atravessado pelo constrangimento. Beauvoir (2019a) também aborda que é a partir do dia em que se torna suscetível de conceber que os discursos sobre a mulher impura começam a ser disseminados, ou seja, menstruar torna a mulher impura, suja, doente, na percepção errônea e equivocada da maioria das cabeças que compõem o imaginário de algumas sociedades. A autora ainda acrescenta que entre os “tabus que dizem respeito à mulher em estado de impureza, nenhum é tão rigoroso quanto a proibição de relações sexuais com ela” (Beauvoir, 2019a, p. 212) em período menstrual. Que corpo é este que habitamos e ao mesmo tempo não exploramos? Não falamos sobre?

Tudo o que se sabe ou se fala a respeito do corpo da mulher foi sendo ensinado a esta, direta ou indiretamente, a responsabilidade de se vestir, de se colocar e estar nos locais, de como e quando falar. Ensinaaram que dar prazer era o mais apropriado, que servir era o mais sensato, que sofrer fazia parte da “natureza” feminina. “Nos ensinaram que é nossa responsabilidade escapar dos pintos e das mãos e das facas” (Brum, 2021, P. 45).

Perpassado por uma ou todas as formas de violências, o corpo feminino move-se para o processo de enclausuramento do mesmo, esconde-se muito (quando não tudo) das suas potencialidades, das suas forças, das suas movimentações. Paralisa-se assim toda uma potência de ser, agir, estar, experimentar, experienciar este corpo no meio em que este se encontra. Como ressalta a autora Eliane Brum (2021), a destruição do corpo feminino se dá pelo controle e pelo domínio destes corpos. Este controle e domínio é feito em grande parte por homens que exploram as infinitas possibilidades do corpo da mulher.

Brum (2021) afirma que demorou a entender que a violência é estrutural no ser e no estar no mundo de uma mulher. Está na estrutura da sociedade que este corpo que ousa estar presente seja violentado em todos os lugares, de todas as formas, por todos. A autora acrescenta que “ser mulher é ser um corpo que não se sente seguro em lugar algum” (Brum, 2021, p.44), o medo que só cresce, vai destruindo as possibilidades de transitar seguramente em determinados locais, com determinadas pessoas.

“É com um corpo sempre na iminência⁴ de ser violado que caminhamos pelas ruas nos defendendo dos olhares e das mãos” (Brum, 2021, p. 45). Acrescentamos os assobios, os gestos, as falas, os xingamentos, os cochichos e os gritos em alto e bom som, estes muitas vezes nem podemos nos defender, já foi dito e feito. Mesmo que a mulher critique, reclame, exponha sua indignação (caso sinta) o que foi dito e feito irá ressoar em seus ouvidos, em sua pele, em todo o seu corpo.

Quando não é do nosso corpo de carne que abusam, eles cortam e mutilam a nossa expressão com palavras afiadas. Eles cortam e mutilam as nossas palavras escritas com suas canetas e seus dedos. Eles cortam e mutilam nossas performances com seus gritos de “gostosa”. Eles chamam nossa literatura e nossa arte de “feminina”, porque só podemos existir em caixas rotuladas. Eles interrompem nossas falas, e completam nossas frases, porque não somos capazes de chegar ao fim sozinhas. E quando reagimos nos chamam de vadias e loucas. De putas e histéricas. De mal comidas, porque seu pinto é o que nos falta. Ser mulher é ser mutilada também sem sangue e sem marca. Ser mulher é ser palavra ausente, letra deletada com um clique no teclado (Brum, 2021, p. 46).

É neste e deste corpo atravessado por mistérios, violências, silenciamentos, enclausuramentos, apagamentos, medos, vergonhas, vivências, existências, (in) possibilidades que caminharemos agora pela questão dos discursos de aprendizagens sobre o ser mulher.

Agenciamentos possíveis

Pensando nas muitas aprendizagens sobre o dever ser mulher, avançaremos nos estudos feministas considerados clássicos na tentativa de trazer os discursos sobre a mulher feminina e o seu preparo para exercer as funções de esposa, mãe e dona de casa. “Mulheres respeitáveis passavam a maior parte da vida dentro de casa” (Lerner, 2019, p.277), é a partir deste movimento que começaremos a abordar algumas inquietações: O

⁴ Qualidade, condição ou característica do que está iminente; ameaça, aproximação, urgência. Neste movimento, entende-se iminência enquanto ameaça que este corpo está exposto.

que é ser uma mulher respeitável? Casa enquanto espaço de confinamento? Quem a confinou?

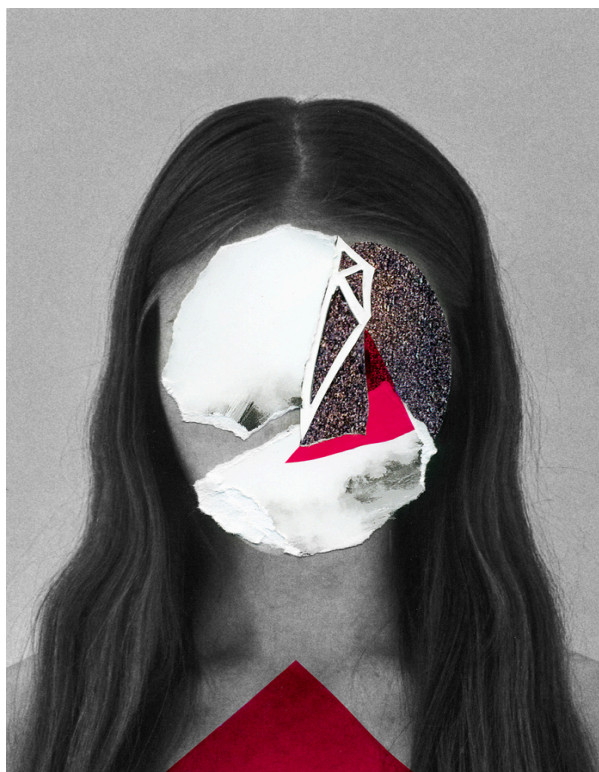


Ilustração 2: Mulher Criança

Desde pequena, a menina já aprende as composições discursivas (o dito e o não dito) do que se entende por ser feminina. Ela aprende a sentar de pernas cruzadas, mostrar-se dócil e educada perante as pessoas, ponderar o tom de voz, saber silenciar quando os mais velhos falarem, usar adereços apropriados para enfeitar o corpo, quais as cores que mais compõem sua paleta, quais desenhos devem assistir, quais livros devem ler, quais roupas usar, com quem, onde e até que horas podem brincar, fazer uso do brinquedo mais apropriado. E a lista se estende quando entramos nos deveres de menina, através de discursos impostos, é colocado a esta a tarefa de cuidar, seja da casa, do irmão mais novo, do familiar adoecido, encarregam a ela a doce (amarga) tarefa do cuidado.

Sendo “mãe de boneca” a menina aprende que o cuidado dos filhos cabe à mãe, tudo o que ela experiencia reforça e confirma tal ideia. Os livros que lê, os presentes que

recebe, os desenhos que assiste, a forma com que outras meninas brincam, e sua própria vivência em casa, seja com a própria mãe, ou com a mulher responsável pelo cuidado. Sim, porque na imensa maioria das vezes a ideia do cuidado recai sobre uma mulher, e assim ditam de forma imperativa que sua “vocação” é o cuidado.

A questão dos padrões de beleza também se fazem presentes produzindo discursos e aprendizagens, Beauvoir (2019b) registra que a menina vai aprendendo, por meio de cumprimentos e censuras, de imagens e palavras, os sentidos das palavras “bonita” e “feia”; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser “bonita como uma imagem”, imagens que ela mesma se compara: a boneca, as princesas dos contos de fadas, a própria mãe, as colegas, as atrizes, modelos, professoras, todo um conjunto de imagens que a menina associa ao que é ser uma mulher “feia” ou “bonita”.

Como registra Simone de Beauvoir (2019b) à menina são instaurados tesouros de sabedoria feminina, ensinam-lhe as virtudes femininas, ensinam também a cozinhar, a costurar, a cuidar da casa, cuidar da aparência, do pudor e do recato. Cuidar também para que quando se tornar adulta esta não perca sua feminilidade. A feminilidade que tanto foi introduzida, instaurada, inserida, enfiada ao longo da sua vivência ao estar em um corpo feminino.

No livro *Mística Feminina* que inspirou as mulheres americanas, a autora Betty Friedan (1971) escreve que na mística feminina o discurso sobre o valor mais alto e o compromisso único da mulher é a realização de sua feminilidade, apontando que um grande erro da cultura ocidental, no decorrer dos séculos, foi a desvalorização desta. A questão da mística diz ainda que esta feminilidade é tão misteriosa, intuitiva e próxima à criação e à origem da vida, que a ciência humana talvez jamais a compreenda.

Segundo Friedan (1971) a ideia da mística feminina é tão poderosa que a mulher cresce sem saber quais foram os desejos e a capacidade que lhe foram negados. E acrescenta que essa mística não penetra uma ação inteira em poucos anos, invertendo a corrente de um século, sem uma causa. Ao longo dos séculos, os discursos da mística feminina se reforçam, ultrapassando gerações de mulheres que sequer questionam-se sobre suas histórias, sobre as histórias das mulheres da família e das outras mulheres.

Para além da interiorização da mística, a menina aprende desde cedo a passividade como característica da mulher “feminina”. Essa passividade emerge de imposições dos seus educadores (pessoas diretas/próximas com quem a menina aprende) e da sociedade, não se trata de um dado biológico, trata-se de uma construção imposta. Como mais uma construção social, imposta e reforçada pela cultura de cada sociedade, os discursos sobre a passividade foram sendo trazidos ao longo da história como marca essencialmente feminina. A esse respeito, a autora Betty Friedman (1971, p. 57-58) questiona: “Se são felizes essas jovens que vivem a mística feminina, teremos chegado ao fim da estrada? Ou são inerentes a esta imagem as sementes de algo pior do que a frustração? Não haverá uma crescente divergência entre este ideal de mulher e a realidade humana?”.

Desde pequena a chamada “passividade” é colocada a ela, como muito mais uma parte da composição de ser feminina, do que como atribuição de trabalhos domésticos que arrancam tempo, disposição e saúde.

Ainda criança, eram colocados como ideal de vida para a menina o casamento, mesmo que tivesse sonhos e aspirações, estes eram substituídos pelo preparo para atingir o apogeu feminino: casar-se. Sem ser ensinada a pensar de outras formas, possibilidades outras, a menina reveste-se de discursos de passividade e feminilidade, tolhendo seus sonhos internos, tecendo sonhos que ela nem sonhou, sonharam por ela.

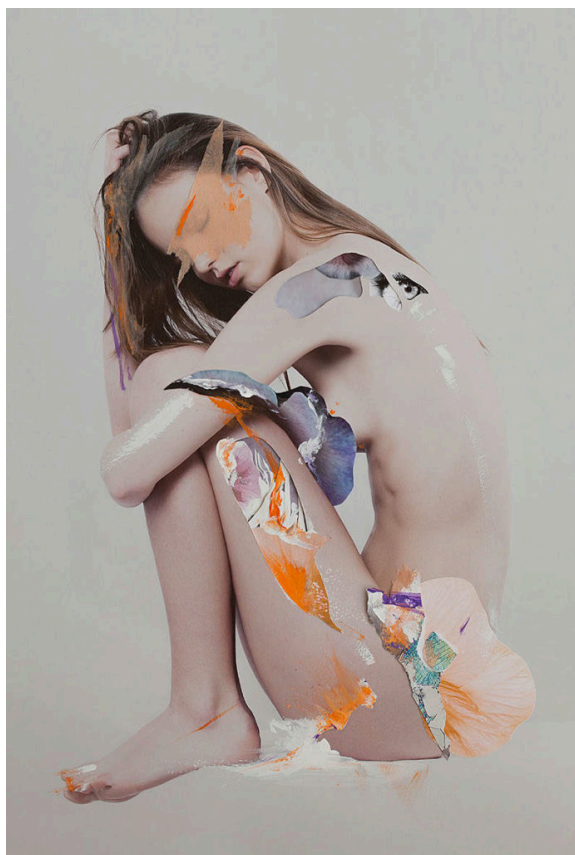


Ilustração 3: Mulher Jovem

Quando torna-se jovem, ela aguarda O Homem, e esta espera torna-se cada vez mais concreta na vida desta, cuja trama já se acha traçada e para a qual o tempo a arrasta. Na medida em que os corpos vão se modificando com a chegada da adolescência, as cobranças e as demandas para a jovem só se multiplicam. À medida que a puberdade transforma os corpos, ela percebe-se como fisicamente inferior ao homem, na medida em que faz comparações com a força muscular, a resistência e a agilidade masculina. Os discursos produzidos impõem à ela jogos e atividades que sejam compatíveis com suas “capacidades” físicas.

A subordinação das filhas meninas e das esposas dura a vida inteira. As filhas só podem escapar tornando-se esposas sob a dominância/proteção de outro homem. A base do “paternalismo” é um contrato verbal de troca: sustento econômico e proteção do homem em troca de subordinação em todos os aspectos, servidão sexual e trabalho doméstico não remunerado da mulher (Lerner, 2019, p. 323).

As informações sobre as modificações do corpo da jovem são passadas a esta, quando são, de forma vergonhosa: esconder as partes que chamam atenção, não

conversar sobre desejos, prazeres, ignorar as pulsões que decorrem do período menstrual. Estes são exemplos de como as aprendizagens sobre estes corpos modificados causam estranhamentos. “Oprimida, encoberta, ela se torna estranha a si mesma pelo fato de ser estranha ao restante do mundo” (Beauvoir, 2019b, p. 77). Corpos mutantes, que se modificam sem pedir permissão, saem se desdobrando, se performando, se alargando, se refazendo em algo outro, algo além do que já foi, algo que é, que está.

Ensinam que a jovem precisa “se guardar” para o futuro marido. A ideia de casar-se virgem é fortemente influenciada pela tradição da Igreja Católica, tanto da figura feminina da Virgem Maria, que gerou, pelos ditos poderes divinos, um filho ainda virgem, quanto com o controle da prole em função do surgimento da propriedade privada. “Na economia do poder do Estado burguês, a racionalidade política se inicia na célula - mãe, na família nuclear construída por pais e filhos” (Branco, 2015, p. 85). A pureza desta se opõe à figura feminina do antigo testamento, Eva, a que trouxe a impureza e todos os malefícios à terra, acabando com o tão perfeito paraíso, criado para os humanos.

“O cristianismo, apesar de seu ódio à carne, respeita a virgem consagrada e a esposa casta e dócil” (Beauvoir, 2019b, p. 117). Daí decorrem que muitas religiões pautadas no Cristianismo e de maneira geral, todas as religiões monoteístas, compartilham do ideal de casamento na qual a mulher mantém-se virgem até tal sacramento, de tanto que o mesmo só é consumado com o ato sexual.

Lerner (2019) aponta que a falta de coletividade entre mulheres advém das suas aprendizagens individuais, cada mulher foi aprendendo com outra mulher, não de forma coletiva, mas de forma individual, muitas vezes, com a finalidade de atender interesses familiares. A esse respeito a autora aponta que

Cada mulher individual foi ligada a seu parente homem em sua família de origem por laços que implicavam obrigações específicas. Seu doutrinamento, desde a tenra infância em diante, enfatizava sua obrigação não apenas de contribuir em termos econômicos com a família e a estrutura familiar, mas também de aceitar um parceiro de casamento alinhado com os interesses familiares. Outro modo de dizer isso é afirmar que o controle sexual das mulheres estava ligado à proteção paternalista e que, nos vários estágios de sua vida, ela trocou protetores masculinos, mas nunca superou o estado infantil de se manter subordinada e sob proteção (Lerner, 2019, p. 298).

A autora aborda sobre o discurso do controle sexual, interligado ao modelo paternalista, colocou as mulheres em modo de subordinação, fossem por parte dos pais, dos irmãos ou do próprio marido. Cuidar da preservação da honra das jovens era uma imposição dos homens (pais e irmãos) que recai sob a responsabilidade de mulheres (em sua maioria, das mães). Estas eram responsáveis por toda a conduta destas jovens, ainda mais quando se tratavam dos ensinamentos para o casamento.

Ensinam todos os requisitos para preparar a jovem para o casamento: manuseio de panelas e receitas de família, como lavar e passar as roupas do marido, como deixar a casa impecável, como agradar o marido na cama (ficando em silêncio, muitas vezes imóvel, deixando ele realizar a penetração, até que goze). O ato sexual em muitos casamentos, no estilo “casar virgem”, assemelha-se mais a um estupro do que a algo prazeroso e recíproco.

Ao homem é ensinado que precisa deflorar a mulher. A ela é ensinado que deve fazer o que o marido quiser na cama. Estupro. Na medida em que mesmo sem a mulher querer, ela é obrigada a fazer sexo com o marido, pois ainda corre o risco de que se ela não fazer, ele procurará outra para satisfazer seu desejo de penetração. “O homem sabe que para saciar seus desejos, para perpetuar sua existência, a mulher lhe é indispensável”. (Beauvoir, 2019b, p. 116)

É ainda na adolescência que a jovem começa a ser influenciada para a escolha do casamento, muito mais que para a escolha de uma profissão, por exemplo. Cobrada pela mãe, pelo pai, pela família, a jovem aprende que em breve chegará a hora de passar de fase, saindo do lar de submissão aos afazeres domésticos e transformando-se em dona do seu próprio lar. Não desvinculando das tarefas domésticas, só invertendo os tempos. Antes, a mãe (ou a mulher responsável) exigia que a jovem cumprisse as tarefas em um determinado tempo, agora, a própria jovem, dona de casa, aprende a administrar o tempo de realizar SUAS tarefas.

Seguindo em movimentos

Trazer movimentos de pensar os agenciamentos que compuseram (e por vezes, ainda compõem) as aprendizagens sobre o dever ser mulher se faz uma possibilidade de repensarmos as existências possíveis, realizando tentativas de fazermos pequenos furos

nas estruturas impostas. Buscar nos estudos de perspectivas feministas, possibilidades de entender a mulher nas perspectivas históricas, pode movimentar inquietações de recriamos novos discursos, talvez não estando mais condicionadas aos agenciamentos que tanto nos atravessaram. Partindo das perspectivas históricas, culturais e sociais, percebemos o quanto as mulheres foram sendo construídas por vários discursos, em diferentes tempos e lugares. O projeto patriarcal, que corrobora na implantação e perpetuação do capitalismo, foram construindo discursos que criaram e instituíram a divisão social a partir de traços biológicos e sexuais. Como tudo é construção, cabe a nós desfazer estas marcas e rugas sociais, apostando em um movimento de novas produção de saberes a respeito da condição feminina que nos foi colocada, para pensarmos em acolher as diferentes formas de existir e resistir enquanto mulheres, todas nós.

Fontes das imagens:

- 1- <https://rociomontoya.com/wp-content/uploads/2018/04/BLANKA-01.jpg>
- 2- <https://rociomontoya.com/portfolio/paper-collages/ 02.jpg>.
- 3- <https://rociomontoya.com/portfolio/paper-collages/ 03.jpg>.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: Fatos e mitos. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: A experiência vivida. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BRANCO, Guilherme Castelo. Coleção Estudos Foucaultianos: Filosofia e Biopolítica. São Paulo: Editora Autêntica, 2015.

BRUM, Eliane. **Banzeiro òkòtò**: Uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COLLING, Ana Maria. Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história. Dourados: Editora UFGD, 2014.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017, 406p.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**: História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MONTOYA, Rocyo. *Blanka*. Suporte (Colagem). Disponível em: <https://rociomontoya.com/wp-content/uploads/2018/04/BLANKA-1.jpg>. Acesso em: 04/09/2013.

MONTOYA, Rocyo. *Red Collage*. Suporte (Colagem). Disponível em: <https://rociomontoya.com/wp-content/uploads/2018/04/RED-COLLAGE.jpg>. Acesso em: 06/09/2023.

MONTOYA, Rocyo. Suporte (Colagem). Disponível em: <https://rociomontoya.com/wp-content/uploads/2018/04/d6067c35049135.56e7ed8a43140-1.jpg>. Acesso em: 06/09/2023.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, M.I.S.; SOIHET, R. (orgs.) **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Rio Grande do Sul, vol. 20, n. 2, p. 77-99, jul/dez, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/71721/40667/297572>. Acesso em: 17/05/2023.